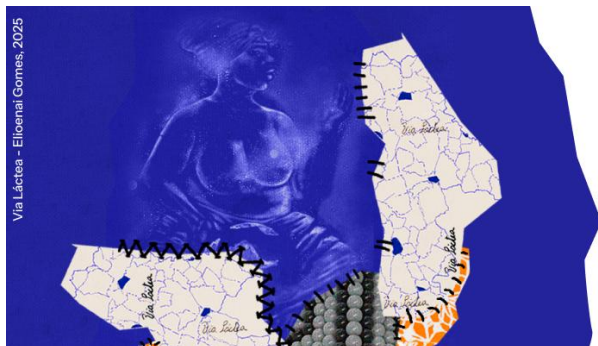




FRESTAS PARA (RE)ENCANTAR CORPOS DOCENTES – ARTE, CORPO E CUIDADO NA FORMAÇÃO

Adrienne Ogêda Guedes¹ – UNIRIO

Edilane Oliveira da Silva² – UNIRIO/SME-RJ

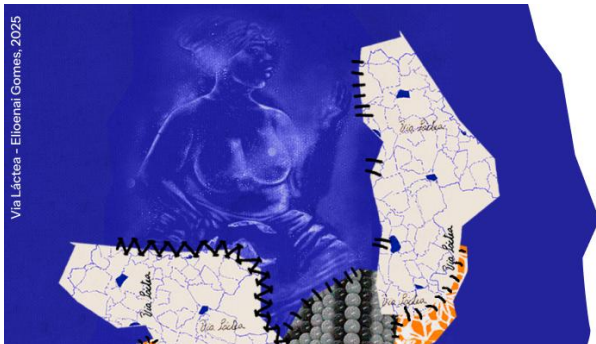
Michelle Dantas Ferreira³ – UNIRIO/SME-RJ

Os fios tecidos aqui, contam de um curso de extensão ofertado de agosto a dezembro de 2024, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) pelo Grupo de Pesquisa Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Trocas, Arte e Sentidos (FRESTAS), como uma das frentes de investigação da pesquisa intitulada “O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do sensível”, contemplada com financiamento da FAPERJ, que busca investigar os modos pelos quais as experiências estético-artísticas podem se constituir como dispositivos de ampliação das sensibilidades, compondo um *ethos* de cuidado no campo da formação docente. Ademais, busca elaborar proposições formativas sensíveis e vitalizadoras à profissionais da docência – em formação inicial e continuada –, fundamentadas pelo campo da educação estética, dos estudos decoloniais e da corporeidade, com o intuito de (re)construir orientações para a formação de professoras/es, por meio de epistemologias que incluam a dimensão estética na docência e contribuam na constituição de práticas

¹ Professora Adjunta, Coordenadora do Grupo de Pesquisa FRESTAS e da Pós-graduação em Educação na UNIRIO. Graduada em Psicologia (UFRJ) e Pedagogia (UCAM), com mestrado e doutorado em Educação, ambos pela UFF. Especialista em Alfabetização (UFRJ), Docência do Ensino Superior (UNIRIO) e Educação Infantil (PUC). Colaboradora nos Grupos de Pesquisa FIAR (UFF), CorPes (UFRJ) e GiTaKa (UNIRIO). *E-mail:* adrienne.ogeda@gmail.com

² Doutoranda em Educação (UNIRIO), Pesquisadora no Grupo FRESTAS (UNIRIO) e Professora da Educação Básica na rede pública municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), atuando atualmente como Professora Articuladora em uma Creche da Zona Sul da cidade. Graduada em Pedagogia (UERJ), Mestra em Educação (UNIRIO) e Especialista em Educação Infantil (UFRJ). *E-mail:* oliveiraedilane62@gmail.com

³ Doutoranda em Educação (UNIRIO), Pesquisadora no Grupo FRESTAS (UNIRIO) e Professora da Educação Básica na rede pública municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), atuando atualmente como Gestora em um EDI da Zona Oeste da cidade. Graduada em Pedagogia (UERJ) e Mestra em Educação (UNIRIO). *E-mail:* michaduda@yahoo.com.br

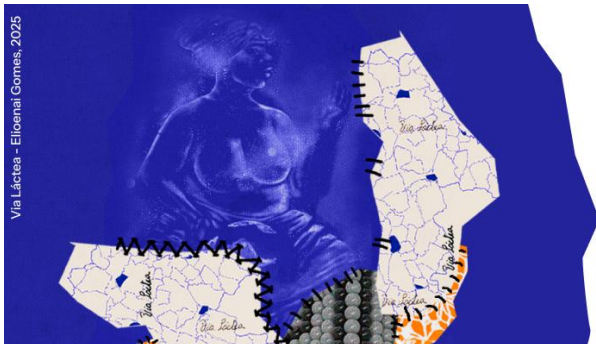


docentes respeitosas, esperançosas (Freire, 2020), amorosas (hooks, 2021) e potencializadoras da vitalidade humana dos/das adultos/os e crianças envolvidas/os (Rufino, 2021).

Como professoras da Universidade e da Educação Básica do Rio de Janeiro, ambas na esfera pública municipal e federal, notamos o aumento dos afastamentos docentes cotidianamente devido a doenças emocionais. O trabalho incessante e o desencanto com a prática docente, aliados às pressões constantes em contextos micro e macro, enredadas por essa lógica perversa do capitalismo, acabam por nos afastar de um *ethos* do cuidado, do convívio e da atenção. Esse "modo de viver" em crise afeta a saúde das/dos docentes e, consequentemente, à Educação. Tanto, que suas consequências podem ser percebidas no aumento dos diagnósticos: Déficits de atenção, crises de ansiedade, estresse, Burnout, Depressão e outros mais (Nascimento; Seixas, 2020). E isso afeta diretamente o corpo nas instituições educacionais, sendo vivido e sentido por crianças, jovens, adultos/os e docentes.

Diante disso, temos nos questionado: o quanto os modos pelos quais compreendemos, encaramos e praticamos nossa formação como sujeitos/as no/com o mundo tem agravado esse adoecimento? De que forma os processos pedagógicos que desencadeamos em nossa formação e ação docente se associam a este mal-estar? Quais possibilidades e por quais meios poderíamos potencializar esse *ethos* do cuidado e essa proximidade com a vida na educação?

Entendemos que diante deste cenário de adoecimento, esgotamento, anestesiamento e cansaço corporal (Patzdorf, 2021) aliado a um contexto social patriarcal, misógino, homofóbico, racista e excludente, torna-se primordial construir possibilidades formativas que tensionem esse estado de coisas; abrindo espaços e tempos para experimentação de modos de viver sustentados por um *ethos* do cuidado, que floresçam sentidos, emoções e sensibilidades e incrementem a potência inventiva e criativa do humano. Assim, temos apostado na arte como parceira essencial para a abertura de formações outras, por seu caráter conversativo e convocador de nossas subjetividades criativas, convidando à experimentações,

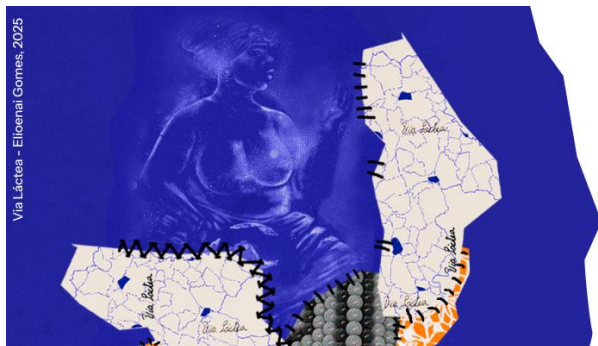


provocando uma reconexão com o sensível, com o imaginário e o racional; de modo a cuidarmos de nossos corpos e dos corpos que conosco com-vivem, compreendendo que “a gerência de uma vida praticada em conexões plurais por uma perspectiva contrária à diversidade produz o desencanto: perda de vitalidade [...]” (Simas; Rufino, 2020, p. 6).

Os caminhos teórico-metodológicos se sustentam na perspectiva de uma Pesquisa-Formação (Longarezi; Silva, 2013) compreendendo que as/os pesquisadoras/es, ao passo que constroem a pesquisa, instigam as ações investigativas, abrindo caminhos para que ela se desenvolva e elaborando concomitantemente seus processos formativos, agregando em sua trajetória acadêmica, profissional, pessoal e coletiva, enquanto sujeitas/os sociais, históricos e políticos e nas experiências vividas coletivamente na/com a pesquisa. Também tem como base as Metodologias Minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), compromissadas em visibilizarem experiências, vozes, histórias de vidas, práticas e movimentos docentes que, geralmente, se mantêm à margem de uma perspectiva de pesquisa tradicional/hegemônica, interessando-se nos detalhes, nas miudezas que emergem das instituições educacionais, dos percursos formativos, que possibilitam investigações autênticas, potentes, únicas, singulares. Dialoga também com uma Pesquisa Narrativa (Connelly; Clandinin, 2015; Josso, 2004).

O curso aconteceu em 2024, contando com quinze encontros aos sábados, das 9 às 13h, sendo nove presenciais e seis assíncronos, alternadamente. As propostas assíncronas foram enviadas semanalmente, às quartas-feiras posteriores ao sábado do curso, na forma de Cartas-convites (link: [Carta-convite_encontro_assíncrono_21.09.pdf](#)) encaminhadas em um grupo de WhatsApp e postadas também em uma sala do Google Classroom, por meio da qual as/os professoras/es cursistas postavam também seus registros e recebiam as devolutivas, que carinhosamente apelidamos de Loverbacks.

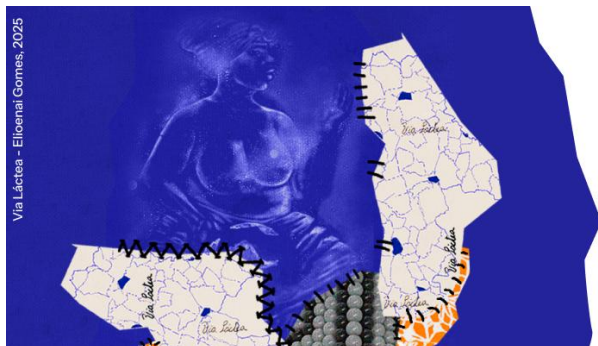
O ingresso no curso se deu por meio de inscrição, compartilhada em nossas redes sociais e difundidas pelas /pelos integrantes. Além do preenchimento de dados



pessoais e profissionais em um formulário eletrônico, as/os interessadas/os precisavam escrever uma carta de intenção por meio da qual nos contavam as motivações que as/os levaram a se lançarem em um curso de extensão realizado aos sábados, que convocava a (Re)encantar corpos docentes. Recebemos 49 cartas de intenção e 42 pessoas tiveram suas inscrições efetivadas, pois atendiam ao requisito de ser profissional da rede pública do Rio de Janeiro. Em 10 de agosto iniciamos o curso com a presença de 30 docentes.

Os encontros presenciais aconteceram em sua maioria na UNIRIO, sendo um deles realizado na Quinta da Boa Vista. Ao longo dos encontros presenciais costuramos narrativas que foram sendo tecidas a partir da experimentação, do movimento corporal, dos encontros – conosco, com as outras pessoas e com o mundo –, de relações outras com os tempos e os espaços e com o mergulho em proposições que mobilizavam de corpo inteiro: a sambar a ancestralidade que nos constitui; a estranhar os lugares que algumas instituições educacionais nos colocaram e colocam; a reinventar os gestos cotidianos; a nos (re)conectarmos com nossa criança interior; a restaurarmos nosso ser-natureza, percebendo que o universo é uma grande teia na qual todas/todos estamos conectadas/conectados; a buscarmos em nosso passado o potencial criador a nos empoderar no presente, nos libertando das amarras que ao longo da vida nos fizeram acreditar que não sabíamos, não podíamos, não era “certo”... a habitar um mundo em coletivo, que requer escutas e olhares sensíveis e respeitosos para dentro e para fora.

Os encontros assíncronos eram planejados pelo Grupo FRESTAS logo após os presenciais, de modo que houvesse costura entre as propostas. Todas as proposições enviadas contavam com registros a serem postados na plataforma do *Google*. Além disso, os rituais inegociáveis que buscávamos garantir nos momentos síncronos – chegada para o corpo, vivência que movimente o corpo inteiro e roda de conversa – também estavam presentes nas proposições assíncronas, mesmo que com alguns ajustes, pois acreditamos na potência destas dimensões para uma formação singular e vitalizadora da potência criativa.



Nossa pesquisa se dirige às questões expostas até aqui, compreendendo que no contexto destacado de perda da sensibilidade, de desencanto, em meio às crises ambientais, éticas e políticas, é fundamental construir possibilidades formativas que possam tensionar esse estado de coisas, abrindo espaços e tempos em que se possa experimentar modos de ser e viver em coletivo sustentados por um *ethos* do cuidado, que incrementem a potência inventiva do humano, que colaborem para uma maior integração entre dimensões que têm sido dissociadas e invisibilizadas (corpo e mente, afetividade, sensibilidade). Apostamos na potência das experiências que envolvem a criação e as artes como fomentadoras do encantamento da educação, do fortalecimento do sentido de pertencimento e da vitalidade.

Compreendemos a Arte não como aquela que reforça paradigmas coloniais, mas sim a que conversa com nossas subjetividades criativas e convida à experimentação. O processo de encantamento necessita das artes para permitir a reconexão entre o sensível, o imaginário e o racional, pois ela está ligada à nossa capacidade de criação e de expressão de nós mesmos para com o mundo.

Diante disso, temos nos debruçado sobre os registros produzidos no/com/pelo curso, de modo a corroborarmos ou refutarmos nossas hipóteses e apostas. Assim, são narrativas orais (transcritas), imagéticas e escritas ao longo da formação. Construímos também um acervo audiovisual que conta um pouco dos percursos de cada um dos nove encontros presenciais e está disponível no canal do grupo FRESTAS, no YouTube. Compartilhamos aqui o filmete do encontro 7, que teve a participação da professora de artes da UNIRIO, Priscilla Menezes: <https://youtu.be/ljk3uenABBg?si=0WOWlu0EPLIfMWzA>

Nessa perspectiva, investigar dispositivos de formação que possam contribuir para tensionar as dissociações e perdas de sentido vitais é fundamental e justifica esta pesquisa, que segue sendo realizada com a oferta de mais um curso de extensão que acontecerá entre setembro e outubro de 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUEDES, Adrienne; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, v. 13, n. 3, set-dez 2013, p. 214-225.

NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 36, 22 set. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/josepho-adoecimento-do-professor-da-educacao-basica-no-brasil-apontamentos-da-ultima-decada-de-pesquisas>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PATZDORF, Danilo. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados**. São Paulo: Letramento, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS Acesso em: fev. 2025.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.